

RESENHA

A guerra do açúcar: as invasões holandesas no Brasil¹

Carlos Roberto Carvalho Daróz

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. *A guerra do açúcar: as invasões holandesas no Brasil*. Recife: Editora UFPE/BIBLIEx, 2014/2016, 448p.

A obra analisa de modo bastante aprofundado a chamada “Guerra Brasílica”, realizada entre 1625 e 1654, quando a Companhia das Índias Ocidentais tentou estabelecer uma colônia neerlandesa no Brasil, de início na Bahia, depois a partir de Pernambuco.

O autor, além de historiador com licenciatura em História e especialização em História Militar, é militar de formação, servindo no

Exército Brasileiro na arma da Artilharia, e membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Faz parte de uma geração de jovens historiadores oriundos de nossas Forças Armadas que vêm renovando os estudos da História Militar de nosso país. Lecionou no Colégio Militar do Recife e, em nível de pós-graduação, na Universidade do Sul de Santa Catarina.

A análise que Carlos Daróz faz do conflito é bastante ampla e

¹ Resenha elaborada pelo Prof. Armando Alexandre dos Santos, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

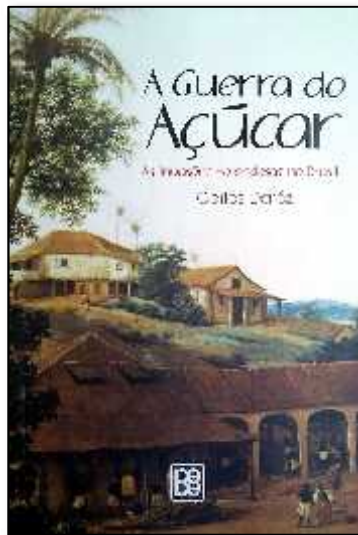


abrangente. Filia-se ele à corrente da chamada Nova História Militar, que, como realça no início do livro,

“não se prende ao estudo da batalha, mas abrange todos os aspectos relacionados com o fenómeno guerra e apresenta interfaces com outros campos do saber, como a política, a geografia, a economia, a cultura, a sociedade, a tecnologia e a geopolítica, entre outros”.

Seguindo essa linha metodológica e baseado em extensa pesquisa realizada ao longo de dois anos na historiografia brasileira, na holandesa e europeia em geral, em documentos e monumentos, estudou *in loco* os sítios em que ocorreram os combates, chegando a colher, entre a população do entorno, restos de tradições orais dos tempos da guerra.

O autor não ignorou, naturalmente, os aspectos econômicos do conflito, bastante realçados desde a opção pelo título *A guerra do açúcar*, mas não cedeu à tentação fácil do reducionismo econômico. Tampouco cedeu a outra tentação muito



frequente entre historiadores militares de tipo clássico, de restringir o estudo aos aspectos militares do conflito. Pelo contrário, ampliou consideravelmente a análise, numa ótica geopolítica muito aberta, de modo a abranger aspectos culturais, psicológicos, religiosos etc. O resultado foi uma abordagem muito ampla e diversificada, que apresenta interesse novo até mesmo para pessoas que já conhecem bem o conflito e leram muito sobre ele.

Do ponto de vista estratégico, é preciso, desde logo, considerar a



importância econômica que tinha, na primeira metade do século XVII, a região em que ocorreu a Guerra Brasileira, ou seja, a larga faixa litorânea que se estende desde a Bahia até o Maranhão. Essa região era, na época, a maior produtora mundial de açúcar, mercadoria altamente apreciada e valorizada.

Assim, sem a menor dúvida, estavam em jogo, no conflito travado nessa região, de 1625 até 1654, entre invasores holandeses e os luso-brasileiros, interesses econômicos de grande monta. Mas os interesses econômicos, no caso, não eram um fim em si, eram um meio para a realização de um projeto político de domínio mundial dos mares – objetivo que Holanda e Inglaterra desejavam alcançar, e Portugal e Espanha desejavam recuperar ou manter. E, por trás desses projetos nacionais, o enfrentamento de caráter religioso estava presente e, considerando a mentalidade prevalente na época, assumia importância muito grande.

Sem se ter esse quadro de fundo, mais amplo, em vista, não se pode compreender o real alcance do

conflito e quais os interesses que estavam em jogo. Os fatos se passavam no contexto da guerra religiosa travada no Velho Mundo entre católicos e protestantes, entre a Reforma e a Contrarreforma. Tendo perdido um terço da Europa em consequência da revolta de Lutero, a Igreja Católica defendeu-se com o movimento denominado “Contrarreforma”, no âmbito do qual se inseriram o Concílio de Trento (1545-1563), a criação do estilo barroco, a fundação da Companhia de Jesus (1534) e a maciça expansão missionária no Novo Mundo, na África Negra, na Índia e até no Extremo Oriente. Essa expansão era vista como forma de compensar as perdas sofridas pelo catolicismo na Europa, como realça Charles Ralph Boxer em *A Igreja militante e a expansão ibérica – 1440-1770* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

Embora com algum atraso em relação a Espanha e Portugal, também Holanda e Inglaterra se puseram a disputar terreno, nas Américas, na África e no Oriente. Eram movidas por interesses econômicos



e geopolíticos, visando ao enriquecimento e ao predomínio dos mares, em nível mundial, mas também por motivos religiosos, que, recorde-se, na mentalidade dos homens daquele tempo tinham um alcance muito maior do que atualmente. (ver a respeito: SANTOS, A.A. dos. *A Serviço de Deus e de El-Rei*. Separata de “Revista Brasileira”, órgão oficial da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, v. 22, p. 155-173, 2000).

A permanência dos holandeses no Nordeste brasileiro se deu em boa parte durante a Guerra dos Trinta Anos, que então se travava na Europa, e na qual o fator religioso representava papel primordial. A luta dos luso-brasileiros para a expulsão dos batavos já foi designada como “a Guerra dos Trinta Anos Brasileira”, por Francisco Ruas Santos em *Arte da Guerra* (Rio de Janeiro: Bibliex, 1998, p.116), designação que se justifica plenamente. Não só pela quase igual extensão temporal de ambos os conflitos (de 1618 a 1648 no caso europeu, 1625 a 1654 no brasileiro), mas

também pela simultaneidade de ambas e, sobretudo, pelas características que apresentaram. Ambas representaram confrontações de poderosas forças, num enfrentamento em que interagiam interesses territoriais, dinásticos e comerciais, sempre ativados e potencializados pelo fator religioso.

Ainda do ponto de vista estratégico, era muito importante, tanto para Portugal como para a Holanda, o domínio do Atlântico Sul. Não podemos entender a Guerra de Pernambuco sem considerar que, simultaneamente, os holandeses também estavam tentando se estabelecer em Angola. Já haviam tomado Luanda, já tinham feito aliança com a poderosa e legendária Rainha Ginga, dos Angolas, e de tal forma pareciam ali definitivamente implantados que o Pe. Antônio Vieira, em carta ao Rei de Portugal, declarava que Pernambuco e Angola já estavam irremediavelmente perdidos e jamais deixariam de ser holandeses. (cf. AZEVEDO, João Lucio de. *História de Antonio Vieira*. Lisboa: Editora Clássica, 2ª ed., 1931, 1º, tomo).



Na realidade, o domínio de ambos os lados do Atlântico Sul era fundamental não só para a exploração do açúcar nordestino (que dependia do fornecimento de escravos africanos), mas também porque era indispensável para o acesso ao Oriente, tanto pela via oriental, inaugurada por Gama, quanto pelo caminho mais longo trilhado por Magalhães, através do Pacífico.

Esse fundo de quadro no qual se desenrolou o conflito é bem exposto no livro, o qual é dividido em 11 capítulos, que se sucedem de modo lógico e encadeado, mas sem excesso de esquematização, de maneira que a leitura é fluida e corrente.

De início, o autor mostra a evolução da arte da guerra na passagem da Idade Média para os tempos modernos, destacando as profundas transformações ocorridas nesse período. Em seguida, expõe com riqueza de pormenores, do ponto de vista militar, os dois lados em confronto: como se estruturavam, como se armavam e como lutavam as forças de defesa luso-brasileiras e as holandesas.

Em seguida, é exposta, num relato muito vivo, a invasão holandesa na Bahia (1625-26), a reação dos brasileiros e a expulsão dos invasores. Segue-se o relato de como a Holanda se preparou cuidadosamente para a segunda invasão, de modo a não repetir os erros cometidos na primeira. Vem, depois, a exposição da tomada de Pernambuco; dos combates que se seguiram, do estabelecimento da Nova Holanda, da traição de Calabar, dos oito anos de governo Nassau, da extensão e aparente consolidação do domínio holandês, que chegou a se estender desde o rio São Francisco, na divisa com a Bahia, até o atual Maranhão.

A reação luso-brasileira, intensificada após a restauração do Reino luso em 1640, a batalha das Taboas, a da Casa Forte, as duas dos Montes Guararapes, a quase reclusão, durante anos, dos holandeses no seu reduto do Recife até a capitulação final, em 1654, é também exposta.

O último capítulo é dedicado a uma discussão sobre os frutos a longo prazo, para o Brasil, do domínio holandês.



Embora esses fatos todos já sejam, em suas linhas gerais, bem conhecidos dos estudiosos de História Colonial do Brasil, no livro de Carlos Daróz ganham vida nova, pois são narrados com abundância de pormenores e mesclados, por vezes, com saborosos relatos de “*petite histoire*” que tornam a leitura bastante entretida.

Um comentário final sobre o estilo adotado pelo autor. Sem embargo da sólida documentação, do rigor metodológico e das numerosas referências bibliográficas e arquivísticas, o livro foi todo escrito de modo leve e agradável, de modo a interessar ao grande público e até mesmo os aspectos estritamente militares do conflito são facilmente compreendidos e assimilados pelos leitores não especializados na terminologia especializada. Mérito não pequeno nos dias de hoje, em que os historiadores de formação na maior parte ainda preferem escrever suas obras em “estilo acadêmico” somente palatável a quem também é do ramo; e em que por vezes se cai no extremo oposto, escrevendo so-

bre temas históricos de modo romancado e com forte apelo emocional. O livro ora examinado fica, a meu ver, num *juste milieu*, muito bem equilibrado. É obra séria e sólida, mas escrita de modo jornalístico, por quem tem prática em sala de aula e sabe prender a atenção dos ouvintes sobre o assunto que está sendo exposto.

Concluo transcrevendo as palavras do próprio autor, na mensagem inicial do livro:

Convido você, leitor amigo, a lançar-se nesta importante página de nossa história colonial. Uma história de homens rudes, soldados e insurretos, mercenários e piratas, índios e negros, de um povo que e recusou a ser dominado por uma cultura estranha e hostil. Uma história de lutas e sacrifícios, mas, sobretudo, de esperança em um destino melhor.